

# Aula 11 – Roland Barthes: Do Estruturalismo à "Morte do Autor"

Você já se sentiu perdido em meio a um texto, sem saber exatamente o que o autor quis dizer? Ou, talvez, já se perguntou se a sua interpretação de uma obra literária é "a correta"? Essas são perguntas que nos assombram desde os primeiros contatos com a literatura e que ganham novas camadas de complexidade quando mergulhamos na teoria. Nesta aula, vamos desvendar as ideias de um dos pensadores mais influentes do século XX, Roland Barthes, cujas reflexões transformaram radicalmente a forma como entendemos a literatura, a linguagem e, por fim, o próprio ato de ler.

Imagine que você está diante de um complexo quebra-cabeça. No início, você tenta encaixar as peças seguindo um padrão lógico, buscando a imagem final que o fabricante (o autor) idealizou. Essa é, de certa forma, a abordagem estruturalista, onde Barthes começou sua jornada intelectual. Mas e se, em algum momento, você percebesse que as peças podem ser rearranjadas de infinitas maneiras, criando novas imagens que o fabricante jamais imaginou? Essa é a virada para o pós-estruturalismo, onde o leitor se torna o verdadeiro artista.

# Objetivos de Aprendizagem

1

## Identificar as características da fase estruturalista

Compreender a aplicação de Barthes na análise da publicidade e dos mitos do cotidiano

2

## Compreender a transição para o pós-estruturalismo

Entender o impacto revolucionário da "Morte do Autor" no papel do leitor

3

## Distinguir texto de prazer e texto de fruição

Explorar as diferentes experiências de leitura propostas por Barthes

4

## Aplicar os princípios da análise sêmica

Utilizar a metodologia de "S/Z" para desconstruir narrativas complexas

Prepare-se para uma jornada que não apenas enriquecerá seu conhecimento teórico, mas também mudará a forma como você interage com cada texto que encontrar.

## Fase Inicial

# Barthes Estruturalista: O Cientista da Linguagem

Antes de mergulharmos nas ideias revolucionárias de Roland Barthes, precisamos entender o terreno fértil onde seu pensamento inicial floresceu: o estruturalismo. Pense no estruturalismo como uma lente de aumento que busca desvendar as estruturas ocultas por trás dos fenômenos sociais e culturais. Em vez de focar no indivíduo ou na história linear, os estruturalistas, como Barthes em sua fase inicial, estavam interessados nos sistemas de regras e relações que organizam a linguagem, os mitos, a moda e até mesmo a culinária.

Essa abordagem era particularmente atraente para Barthes porque oferecia uma maneira de analisar o mundo de forma quase científica, buscando padrões e lógicas internas. Ele via a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um sistema complexo de signos que molda nossa percepção da realidade. Para ele, entender a estrutura de um texto ou de um fenômeno cultural era como desmontar um relógio para ver como suas engrenagens funcionam e se relacionam.

Mas por que essa busca por estruturas é tão relevante para nós hoje, especialmente em um mundo tão fluido e interconectado? Porque, mesmo em meio à complexidade contemporânea, a capacidade de identificar padrões e sistemas subjacentes nos ajuda a decifrar mensagens, a questionar narrativas dominantes e a entender como o significado é construído. É uma ferramenta essencial para qualquer um que lide com comunicação, cultura ou, claro, literatura.

# Desvendando os Mitos do Cotidiano: A Semiótica da Publicidade

Roland Barthes não se contentou em aplicar o estruturalismo apenas a textos literários complexos. Ele tinha um olhar aguçado para o cotidiano, percebendo que os "mitos" modernos – as narrativas e valores implícitos – estavam por toda parte, especialmente na publicidade e nos meios de comunicação de massa. Para ele, um anúncio de margarina ou uma fotografia de revista não eram apenas imagens; eram sistemas de signos que comunicavam muito mais do que aparentavam, construindo ideologias e naturalizando certas visões de mundo.

📄 **Conceito-chave:** Barthes opera em dois níveis de análise: **denotação** (o que a imagem literalmente mostra) e **conotação** (os significados associados, as ideias e valores que evoca).

# Os Dois Níveis de Significação

## Denotação

O significado literal e óbvio

- O que vemos diretamente
- A descrição objetiva
- O primeiro nível de leitura

*Exemplo: Um carro em um anúncio*

## Conotação

Os significados culturais associados

- Valores e ideologias implícitas
- Associações culturais
- O segundo nível de leitura

*Exemplo: Liberdade, status, poder, sucesso*

Essa análise semiótica da publicidade é crucial para qualquer profissional que lide com comunicação ou para cidadãos críticos no século XXI. Em um mundo saturado de informações e campanhas de marketing, a capacidade de decodificar as mensagens ocultas e questionar os mitos que nos são vendidos é uma forma de empoderamento. É a diferença entre ser um consumidor passivo e um leitor ativo do mundo ao seu redor, uma habilidade cada vez mais valorizada em concursos e no mercado de trabalho.

# A Crise do Estruturalismo: O Grito da "Morte do Autor"

Apesar de sua contribuição inicial ao estruturalismo, o pensamento de Roland Barthes não permaneceu estático. Como um rio que muda seu curso, Barthes percebeu as limitações de uma abordagem que buscava apenas estruturas fixas e significados predeterminados. Ele começou a questionar a ideia de que um texto possuía uma única interpretação "correta", ditada pela intenção do autor. Essa inquietação o levou a uma das declarações mais provocadoras e influentes da teoria literária: a "Morte do Autor".



### Visão Tradicional

O autor como maestro que rege a orquestra e determina o significado final



### Proposta de Barthes

Uma vez entregue a partitura, os músicos (leitores) interpretam e recriam a música



### Resultado

Múltiplas interpretações válidas, riqueza de significados

Essa transição para o pós-estruturalismo não foi um abandono total das estruturas, mas uma reavaliação de sua rigidez. Barthes argumentou que a linguagem é um tecido complexo, um "texto" no sentido mais amplo, onde múltiplas vozes e referências se entrelaçam. A ideia de que o autor é a fonte última e inquestionável do significado de uma obra começou a ser vista como uma limitação, uma "tirania" que impedia a riqueza e a multiplicidade de interpretações.

# O Nascimento do Leitor: Um Novo Poder Interpretativo

Se o autor está "morto" – no sentido de não ser mais a autoridade final sobre o significado de sua obra –, quem assume o controle? A resposta de Barthes é clara e revolucionária: **o leitor**. Com a "Morte do Autor", nasce o leitor, não como um mero receptor passivo, mas como um agente ativo na construção do sentido. É o leitor que, ao interagir com o texto, tece as conexões, preenche as lacunas e atribui significados, tornando-o o verdadeiro "lugar" onde o texto se realiza.

Imagine que você está montando um kit de construção. Antes, a instrução dizia que havia apenas uma forma de montar o objeto, e o criador do kit era o único que sabia qual era. Agora, as instruções são mais abertas, e você, o montador, pode criar diversas configurações, cada uma válida à sua maneira. O texto, para Barthes, é um "tecido de citações", um mosaico de referências culturais, linguísticas e históricas que o leitor é convidado a desvendar e recombinar.

Essa mudança de perspectiva tem implicações profundas, especialmente para estudantes de literatura e candidatos a concursos. Ela nos liberta da busca incessante pela "intenção do autor", permitindo-nos explorar a riqueza polissêmica dos textos. Isso abre portas para abordagens críticas como os Estudos Decoloniais, a Crítica Feminista e a Teoria Queer, que questionam o cânone tradicional e valorizam múltiplas leituras.

## Mudança de Perspectiva

**Antes:** "O que o autor quis dizer?"

**Agora:** "O que este texto significa para mim, neste contexto, com minhas referências?"

# Quadro Comparativo: Autor vs. Leitor

Conceito	Base/Origem	Exemplo
<b>Autor</b> Fonte primária e final do significado	Tradição crítica romântica e positivista	"O autor de 'Dom Casmurro' quis mostrar que Capitu era traiçoeira."
<b>Leitor</b> Agente ativo na construção do significado	Pós-estruturalismo, "Morte do Autor"	"Minha leitura de 'Dom Casmurro' foca na ambiguidade da narrativa e na perspectiva machista de Bentinho."

# Prazer e Fruição: As Duas Faces da Leitura

Com a "Morte do Autor" e o nascimento do leitor, Barthes também redefiniu a experiência da leitura. Ele propôs que existem diferentes tipos de textos e, conseqüentemente, diferentes formas de prazer na leitura. Não se trata apenas de entender o que está escrito, mas de como o texto nos afeta, nos provoca e nos transforma. Barthes distinguiu entre o "**texto de prazer**" (plaisir) e o "**texto de fruição**" (jouissance), conceitos que nos ajudam a compreender a profundidade da nossa relação com a literatura.



## Texto de Prazer (Plaisir)

- Confirma expectativas
- Encaixa-se em códigos culturais
- Oferece leitura fluida e gratificante
- Conforta e reafirma identidade

*Como uma canção popular com melodia cativante*



## Texto de Fruição (Jouissance)

- Desestabiliza e rompe convenções
- Tira da zona de conforto
- Confronta com o "fora do sentido"
- Oferece êxtase e transformação

*Como música experimental que desafia percepções*

Essa distinção é vital para entender que a literatura não serve apenas para nos agradar ou nos ensinar lições morais. Ela também tem o poder de nos desorganizar, de nos fazer questionar o que sabemos e sentimos. Para quem se prepara para concursos ou busca uma compreensão mais profunda da cultura, reconhecer essas duas dimensões da leitura permite uma análise mais rica e uma apreciação mais completa da arte literária.

# "S/Z": A Desconstrução da Narrativa e a Análise Sêmica

Para ilustrar suas ideias sobre a multiplicidade do texto e o papel ativo do leitor, Roland Barthes realizou uma análise minuciosa de um conto de Honoré de Balzac, "Sarrasine", em sua obra "S/Z". Este livro é um marco na teoria literária, pois Barthes não apenas interpretou o conto, mas o "desmontou" em unidades menores, os **lexias**, e analisou como diferentes códigos (sêmicos, hermenêuticos, simbólicos, proairéticos, culturais) se entrelaçam para produzir significado.

01

## Divisão em Lexias

O texto é fatiado em pequenos trechos, como células sob um microscópio

03

## Análise Sêmica

Foco nos semas – unidades mínimas de sentido que se repetem e organizam temas

02


## Identificação de Códigos

Para cada lexia, múltiplos sentidos são identificados através de diferentes códigos

04

## Revelação da Plurissemia

O texto é mostrado como uma rede de significados potenciais, não uma linha única

 **Exemplo de Análise Sêmica:** Em "Sarrasine", Barthes explora semas relacionados à castração, à androginia, ao ouro, mostrando como esses elementos se conectam e ressoam ao longo da narrativa, revelando tensões e ambiguidades profundas.

A relevância de "S/Z" transcende a análise de Balzac. Ela nos oferece uma metodologia para abordar qualquer texto, seja literário, jornalístico ou publicitário, com um olhar mais crítico e desconstrutivo. Em um cenário acadêmico e de concursos, a capacidade de realizar uma análise textual aprofundada, identificando os códigos e as múltiplas camadas de sentido, é uma habilidade de alto valor, que demonstra não apenas conhecimento, mas também um pensamento analítico sofisticado.

# Barthes Hoje: Legados e Diálogos Contemporâneos

As ideias de Roland Barthes, longe de ficarem restritas ao seu tempo, continuam a reverberar e a dialogar com as tendências mais atuais da teoria e dos estudos culturais. Sua ênfase na interdisciplinaridade – ao conectar a literatura com a filosofia, sociologia, psicanálise, história e estudos culturais – antecipou a natureza fluida e multifacetada do campo que vemos hoje. Barthes nos ensinou que a literatura não existe em um vácuo, mas está intrinsecamente ligada a outras formas de conhecimento e expressão.

A "Morte do Autor" e o "Nascimento do Leitor" abriram caminho para abordagens que questionam os centros de poder tradicionais. Se o significado não é fixo e o leitor tem um papel ativo, então as leituras que desafiam o cânone literário, como as propostas pelos **Estudos Decoloniais**, pela **Crítica Feminista** e pela **Teoria Queer**, ganham legitimidade e força. Essas correntes, que hoje são cada vez mais presentes em concursos e seleções acadêmicas, encontram em Barthes um precursor para a valorização de perspectivas marginalizadas e a desconstrução de narrativas hegemônicas.



# Barthes na Era Digital

## Redes Sociais

Cada post, meme ou notícia é um "texto" constantemente interpretado e ressignificado por uma comunidade de "leitores"

## Significado Construído

A ideia de que o significado é construído na interação, não imposto por uma única fonte, é mais atual do que nunca

## Ferramentas Críticas

Barthes nos oferece as ferramentas para navegar no mar de informações, compreendendo como os sentidos são produzidos e disputados

# O Contexto Social e a Relevância Materialista

Além das discussões sobre autor e leitor, a obra de Barthes, especialmente em sua fase inicial com as "Mitologias", também ressalta a relevância do contexto social na produção e recepção do sentido. Ele nos mostrou como os signos e os mitos não são neutros; eles carregam ideologias e refletem as relações de poder de uma sociedade. Essa perspectiva dialoga diretamente com as correntes materialistas e sociológicas que ganham força na teoria contemporânea, enfatizando que a literatura e a cultura são produtos de seu tempo e espaço.

## Questões para Análise Crítica

- Que valores sociais a obra promove?
- Que classes sociais são representadas e como?
- Que ideologias estão embutidas nas descrições?
- Como a obra reflete as tensões de sua época?

A conexão entre a teoria literária e o contexto social é fundamental para uma compreensão completa das obras. Em concursos públicos e na academia, a capacidade de contextualizar uma obra, de relacioná-la com as forças sociais, econômicas e políticas que a moldaram, é um diferencial. Barthes nos fornece as bases para essa análise crítica, permitindo-nos ir além da superfície do texto e investigar suas raízes e implicações no mundo real.

# A Linguagem como Sistema: Semiótica e Significação

Retomando um pouco da fase estruturalista de Barthes, é crucial aprofundar a ideia da linguagem como um sistema de signos. Para ele, a semiótica não era apenas uma ferramenta para analisar a publicidade, mas um campo vasto para entender como tudo – desde uma palavra até um gesto, uma imagem ou um objeto – pode significar algo. A linguagem, em sua visão, é um código complexo onde cada elemento adquire sentido em relação aos outros.



## O Exemplo do Semáforo

A cor vermelha, por si só, é apenas uma cor. Mas dentro do sistema do trânsito, ela significa "pare". O verde significa "siga". O amarelo, "atenção". O significado de cada cor não é intrínseco a ela, mas é construído pela sua posição e oposição dentro do sistema.



## Aplicação Universal

Barthes aplicou essa lógica a todos os fenômenos culturais, mostrando que o sentido é sempre relacional e contextual. Cada signo ganha significado em relação aos outros signos do sistema.



## Ferramenta de Análise

Essa compreensão da linguagem como um sistema é a base para qualquer análise textual profunda. Ela nos permite desvendar como os autores constroem seus significados e como os leitores os interpretam.

Para quem estuda linguagens e estudos culturais, dominar a semiótica barthesiana é como adquirir um novo idioma para decifrar o mundo.

# Da Intenção à Intertextualidade: O Tecido do Texto

A "Morte do Autor" não significa que os textos surgem do nada. Pelo contrário, Barthes nos convida a ver o texto como um "tecido de citações", um mosaico de referências que se entrelaçam. Essa ideia nos leva ao conceito de **intertextualidade**, que é a relação de um texto com outros textos. Nenhum texto é uma ilha; ele sempre dialoga, consciente ou inconscientemente, com o que já foi dito, escrito ou imaginado.

**Textos Anteriores**  
Referências literárias e culturais

**Novos Significados**  
Interpretações enriquecidas



**Novo Texto**  
Fusão e recombinação

**Leitura**  
Identificação de conexões

Imagine um chef de cozinha criando um prato. Ele não inventa cada ingrediente do zero. Ele usa técnicas aprendidas, receitas tradicionais, temperos de diferentes culturas e os combina de uma forma nova. O prato final é uma fusão de influências. Da mesma forma, um texto é uma fusão de vozes, estilos, gêneros e ideias que o precederam. O autor, em vez de ser um criador original absoluto, é um "escritor" que combina e recombina elementos preexistentes.

Essa perspectiva da intertextualidade é fundamental para a análise literária contemporânea. Ela nos permite traçar as linhagens de ideias, identificar homenagens, paródias ou críticas a obras anteriores. Em um contexto de concursos, a capacidade de identificar e analisar as relações intertextuais em uma obra demonstra uma leitura sofisticada e um conhecimento aprofundado da tradição literária e cultural.

# O Prazer do Texto: Uma Experiência Subjetiva

Aprofundando a distinção entre prazer e fruição, Barthes nos lembra que a leitura é, em última instância, uma experiência profundamente subjetiva. O "prazer do texto" não é uma questão de julgamento moral ou intelectual, mas de uma resposta corporal e emocional. Ele desafia a ideia de que a leitura deve ser sempre séria e instrutiva, abrindo espaço para a dimensão lúdica e sensorial.

Pense em um banho quente após um dia exaustivo. É um prazer simples, reconfortante, que atende a uma necessidade. O "texto de prazer" funciona de forma semelhante: ele nos envolve, nos acalma, nos dá a sensação de que estamos no controle, compreendendo e sendo compreendidos. É a leitura que nos permite relaxar, sonhar e nos identificar com personagens e situações.

Para quem busca uma conexão mais profunda com a arte, Barthes oferece uma licença para sentir, para se deixar levar pelo texto, sem a necessidade de buscar uma única verdade objetiva.

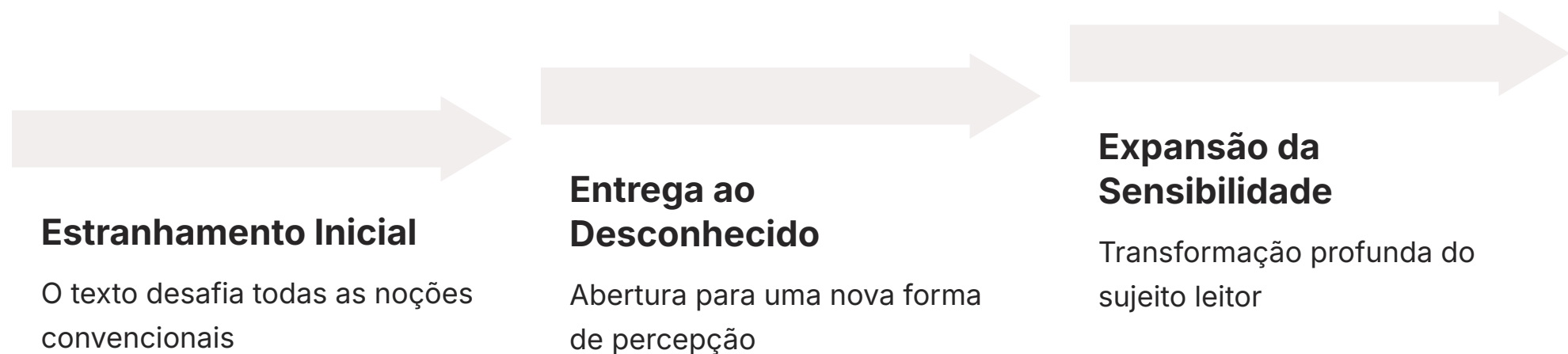
## Legado de Barthes

A valorização da experiência subjetiva do leitor nos lembra que a literatura não é apenas um objeto de estudo, mas uma fonte de vivências pessoais e intransferíveis.

# A Fruição: O Choque e a Transformação

## Se o prazer é o conforto, a fruição é o choque

O "texto de fruição" é aquele que nos desestabiliza, que rompe com nossas expectativas e nos confronta com o que é estranho, ambíguo ou até mesmo perturbador. É uma experiência que Barthes descreve como um "êxtase", uma perda de si, onde as fronteiras entre o leitor e o texto se dissolvem.



Imagine que você está diante de uma obra de arte abstrata que desafia todas as suas noções de beleza e representação. Inicialmente, pode ser desconfortável, mas, ao se entregar a ela, você pode experimentar uma nova forma de percepção, uma expansão da sua sensibilidade. O "texto de fruição" opera de maneira similar: ele nos força a repensar nossos códigos, a questionar nossas certezas e a nos abrir para o desconhecido.

Essa dimensão da fruição é particularmente relevante para a compreensão da arte moderna e contemporânea, que muitas vezes busca provocar e desestabilizar. Barthes nos convida a abraçar essa perturbação, a ver nela não um defeito, mas uma oportunidade de crescimento e transformação. Para quem busca ir além do óbvio e explorar as fronteiras do pensamento, a fruição é um caminho para uma compreensão mais radical da literatura e da existência.

# A Crítica Feminista e a Teoria Queer em Diálogo com Barthes

As ideias de Barthes sobre a "Morte do Autor" e o "Nascimento do Leitor" encontraram um terreno fértil em movimentos críticos que buscam desconstruir narrativas dominantes e dar voz a perspectivas marginalizadas. A **Crítica Feminista** e a **Teoria Queer**, por exemplo, utilizam a liberdade interpretativa barthesiana para questionar como a literatura tradicionalmente construiu e perpetuou papéis de gênero, sexualidades normativas e visões patriarcais de mundo.

## Crítica Feminista

Ao "matar o autor" (masculino, heteronormativo), abrimos espaço para leituras que revelam as vozes silenciadas, as experiências femininas e as resistências aos padrões impostos.



## Teoria Queer

Desestabiliza as categorias fixas de identidade e sexualidade, explorando ambiguidades e possibilidades de leituras não-heteronormativas.

Pense em como muitos clássicos literários foram escritos por homens, sobre homens, e para um público predominantemente masculino. A Crítica Feminista, inspirada em Barthes, argumenta que, ao "matar o autor" (masculino, heteronormativo), abrimos espaço para leituras que revelam as vozes silenciadas, as experiências femininas e as resistências aos padrões impostos. Não se trata de reescrever a história, mas de reler os textos com novas lentes, revelando significados que antes estavam ocultos ou desvalorizados.

Da mesma forma, a Teoria Queer utiliza essa abordagem para desestabilizar as categorias fixas de identidade e sexualidade presentes na literatura. Ao invés de buscar a "verdadeira" intenção de um autor sobre a sexualidade de um personagem, a Teoria Queer explora as ambiguidades, as subversões e as possibilidades de leituras não-heteronormativas, enriquecendo a compreensão da complexidade humana. Essas abordagens são cada vez mais valorizadas em concursos e na academia, pois promovem uma visão mais inclusiva e crítica da cultura.

# Estudos Decoloniais e a Desconstrução do Cânone

As reflexões de Barthes também ressoam profundamente com os **Estudos Decoloniais**, que buscam dismantelar as estruturas de poder e conhecimento herdadas do colonialismo. Se o autor não é a autoridade final, então o cânone literário ocidental, historicamente imposto como universal, pode ser questionado e reavaliado. A "Morte do Autor" abre espaço para o "Nascimento de Múltiplos Leitores" de diferentes culturas e contextos, cada um trazendo sua própria perspectiva para o texto.

Imagine que você está lendo uma obra clássica europeia a partir de uma perspectiva latino-americana ou africana. Os Estudos Decoloniais, inspirados na liberdade interpretativa de Barthes, nos encorajam a não aceitar passivamente a leitura hegemônica, mas a questionar as premissas eurocêntricas, a identificar as lacunas, as ausências e as distorções. É uma forma de reverter o olhar, de ler "contra o texto" quando necessário, para revelar as vozes e as experiências que foram marginalizadas.

Essa abordagem é crucial para a construção de um conhecimento mais equitativo e representativo. Em um mundo globalizado, a capacidade de dialogar com diferentes culturas e de questionar as narrativas dominantes é uma competência essencial. Barthes, ao nos libertar da tirania do autor, nos deu as ferramentas para uma leitura mais engajada e politicamente consciente, que reconhece a literatura como um campo de disputa de sentidos e visões de mundo.

## Consolidando o Legado de Barthes: Do Estruturalismo à Liberdade

Chegamos ao fim de nossa jornada pelas ideias de Roland Barthes, um pensador que nos desafiou a ver a literatura e a cultura de maneiras radicalmente novas. Começamos com seu olhar estruturalista, que buscava a lógica por trás dos signos, especialmente na publicidade, e evoluímos para a revolucionária "Morte do Autor", que transferiu o poder de significação para o leitor. Exploramos as nuances do "prazer" e da "fruição" na leitura e mergulhamos na complexidade da análise sêmica em "S/Z". Vimos como suas ideias continuam a inspirar abordagens contemporâneas, como a Crítica Feminista, a Teoria Queer e os Estudos Decoloniais, reforçando a interdisciplinaridade e a relevância do contexto social.

**Em prática:** As lições de Barthes nos ensinam a ser leitores mais críticos e ativos, capazes de desvendar os mitos do cotidiano, questionar narrativas dominantes e encontrar múltiplos sentidos em cada texto. Ele nos empodera a confiar em nossas próprias interpretações, reconhecendo que a leitura é uma experiência subjetiva e transformadora. Sua obra é um convite constante à liberdade intelectual e à exploração das infinitas possibilidades do sentido.

### Autoavaliação

- Qual das seguintes afirmações melhor descreve a contribuição de Barthes em sua fase estruturalista, como visto em "Mitologias"? a) A defesa da intenção autoral como única fonte de significado. b) A análise da linguagem como um sistema de signos para desvendar mitos culturais. c) A promoção da leitura como uma experiência puramente subjetiva e emocional. d) O foco exclusivo em textos literários complexos, ignorando o cotidiano.
- O conceito de "Morte do Autor" em Roland Barthes implica que: a) O autor deve ser fisicamente eliminado para que o texto seja livre. b) A intenção do autor não é mais a autoridade final sobre o significado do texto. c) Os textos não possuem mais nenhum significado intrínseco. d) Apenas o autor original pode interpretar sua obra corretamente.
- Qual a principal diferença entre "texto de prazer" e "texto de fruição" para Barthes? a) O texto de prazer é sempre literário, enquanto o de fruição é não-literário. b) O texto de prazer confirma expectativas e oferece conforto; o de fruição desestabiliza e provoca êxtase. c) O texto de prazer é fácil de ler; o de fruição é sempre difícil e incompreensível. d) O texto de prazer é para o público em geral; o de fruição é apenas para acadêmicos.
- A análise sêmica de Barthes em "S/Z" demonstra que: a) Um texto possui um único significado oculto que precisa ser descoberto. b) A narrativa é uma sequência linear de eventos sem ambiguidades. c) O texto é um tecido de múltiplos códigos e sentidos que o leitor ativa. d) A intenção do autor é o principal guia para a interpretação de cada lexia.
- Explique como as ideias de Roland Barthes sobre a "Morte do Autor" e o "Nascimento do Leitor" dialogam com as tendências contemporâneas da Crítica Feminista ou dos Estudos Decoloniais. (Resposta esperada: 3-5 linhas)

### Gabarito:

- b)
- b)
- b)
- c)
- A "Morte do Autor" de Barthes, ao retirar a autoridade final do criador sobre o significado, abre espaço para que o leitor, com suas próprias referências e contextos, construa o sentido. Isso é fundamental para a Crítica Feminista e os Estudos Decoloniais, pois permite questionar as leituras hegemônicas (muitas vezes patriarcais ou eurocêntricas) e valorizar interpretações que dão voz a perspectivas marginalizadas, revelando significados antes silenciados ou ignorados no cânone tradicional.

**Conexão com a Próxima Aula:** Na próxima aula, continuaremos nossa exploração do pós-estruturalismo mergulhando nas complexas e desafiadoras ideias de Jacques Derrida e a Desconstrução, um conceito que leva ainda mais longe a ideia de que o significado é instável e que a linguagem é um campo de jogo infinito.

### Recursos Adicionais:

- Barthes, Roland. *Mitologias*.** (Para entender a aplicação da semiótica no cotidiano).
- Barthes, Roland. *O Prazer do Texto*.** (Para aprofundar a experiência subjetiva da leitura).
- Barthes, Roland. *S/Z*.** (Para um estudo aprofundado da análise textual).
- Documentário "Roland Barthes par Roland Barthes" (disponível em plataformas de vídeo).** (Para uma visão mais pessoal do autor).

**NOTA IMPORTANTE:** As informações acadêmicas e teóricas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais e publicações recentes para verificar novas interpretações ou desenvolvimentos no campo da Teoria Literária.